

## Um incentivo para melhorias sociais

Macaé é o 4º melhor município do Rio em qualidade de vida, diz FGV

Fábio Nascimento

• Os *royalties* do petróleo ajudam, e muito, a financiar as políticas sociais alardeadas pelo prefeito Sylvio Lopes Teixeira. A menina-dos-olhos é o projeto "Macaé cidadão", que consiste em visitas regulares a 17 mil famílias para traçar o perfil da população.

— O projeto facilitou meu trabalho. Hoje, quem faz o planejamento do município é a população. Sabendo o que ela precisa e quer, erramos menos — explica Teixeira.

De fato, a cidade é referência regional não só no aspecto econômico, mas também em qualidade de vida. Segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV), Macaé só perde para Niterói, Nova Friburgo e Petrópolis. No município, 12,68% da população estão abaixo da linha da pobreza (renda mensal menor que R\$ 79), contra a média estadual de 19%. Em Niterói, são 11,07% vivendo o

drama. A mortalidade infantil é de 11,8 para cada mil nascimentos (a média do Brasil é de 29,68) e o analfabetismo é de 7,3%, atrás apenas de Niterói.

### Vereador do PT: número de favelados dobrou

De acordo com a prefeitura, 65% dos domicílios têm saneamento. Mas esse número é contestado pelo vereador Luciano Diniz (PT), da oposição ao prefeito:

— Só existe uma estação de tratamento de esgoto no município e, mesmo assim, atende a apenas 15% da população. Os dejetos são jogados *in natura* no Rio Macaé. Existem nove bolsões de miséria e o Hospital Municipal de Macaé está pronto há um ano, mas nunca funcionou.

Macaé atrai uma legião de brasileiros em busca de emprego e infla a população, hoje estimada em 132 mil habitantes. Destes total, 20% são flutuantes — pessoas de ou-

tros estados ou países que trabalham temporariamente no município.

A vendedora Priscilla Lemos, de 19 anos, faz parte dos migrantes brasileiros. Ela veio com a família de Mato Grosso do Sul, e seu pai abriu uma fornecedora de suplementos hidráulicos para atender à Petrobras, depois mudando para o ramo de informática. Priscilla cursa a faculdade de petróleo e gás:

— Aqui, a gente não tem como escapar dessa área — diz Priscilla.

A migração tem também seu lado negativo: o de pessoas sem especialização ou recursos para montar uma empresa que vão em busca de uma oportunidade. Aliados do processo, acabam em favelas e engrossam as estatísticas negativas.

— Em 1991, eram 11.194 pessoas morando em favelas; hoje, são 21.264 habitantes — diz o vereador Luciano Diniz (PT). ■